

O 'Campus Arqueológico do Ervedal' (Fundão, Portugal): um projecto científico-pedagógico de voluntariado jovem

The Archeological campus of Ervedal (Fundão, Portugal): a scientific pedagogical project of young volunteers

João Mendes Rosa

Arqueólogo, Director do Museu Arqueológico Municipal do Fundão

Joana Bizarro

Arqueóloga, Museu Arqueológico Municipal do Fundão

director@museuarqueologicosfundao.com

Recibido el 15 de octubre de 2013

Aprobado el 28 de noviembre de 2013

Resumo: No ano de 2007, era inaugurado na cidade do Fundão (Castelo Branco, Portugal), um museu que pretendia corresponder a um espaço de fruição museal em contexto ibérico, em que o próprio discurso espelhasse a convivialidade cultural transfronteiriça, fomentadora da actividade arqueológica numa base de formação escolar e universitária, onde o voluntariado jovem desempenha um importante papel.

Palavras-chave: arqueologia, cooperação, didáctico, fundão, museu, pedagógico, voluntariado.

Abstract: In 2007, was inaugurated in the city of Fundão (Castelo Branco, Portugal), a museum intended to correspond to a space of museal fruition in the Iberian context in which her own speech mirrored the border cultural conviviality, fosterer of archaeological activity, on a basis of school and university education, where youth volunteering plays an important role.

Key words: Archaeological Museum Fundão, young volunteer, educational science Project, training, Ervedral Roman baths.

Concepção e identidade do Museu Arqueológico do Fundão

O Museu Arqueológico do Fundão, localizado no Solar Taborda d’Elvas Falcão, situado na zona antiga da cidade do Fundão, é consequência da materialização de um projecto de carácter científico e pedagógico que há muito se ansiava para o Fundão.

O agora Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, procede da unidade museal criada em 1942 por José Alves Monteiro que nunca conseguiu, como era da sua vontade, dotar de condições condígnas. Este museu não cumpria quaisquer funções museais e não servia nem comunidade científica nem a população.

O relançamento do Museu só iria acontecer em 2003, com a constituição de uma equipa de estudo, nas vertentes de museologia, arqueologia, ensino, design, arquitetura e turismo. Ao mesmo tempo, foram criadas estruturas editoriais de investigação – de que é expressão a revista *Eburóbriga*, que conta até ao momento com sete edições autêntico enfoque investigacional de reconhecidas individualidades ibéricas procedentes unidades académicas e museológicas várias e que mereceria, como se verá adiante, a honrosa distinção de Melhor Trabalho de Museologia.

Toda a dinâmica preparatória do programa museográfico fliou-se na convicção de que o museu deveria ter um raio de acção de extrapolasse da esfera regional e até nacional. Dado que os conteúdos científicos respeitavam a épocas históricas anteriores à própria fundação da nacionalidade, como aceitar fronteiras e limites geográficos sem que os mesmos não fossem redutores, ou resultassem empobrecedores para um espaço que se desejava conforme aos imperativos das práticas museográficas europeias da actualidade? Assim, mau grado se tratasse de um museu municipal, o carácter universalista foi, podemos dizê-lo, uma das premissas fundamentais da sua concepção. A colaboração de investigadores oriundos de várias unidades académicas e museais de Portugal e Espanha, acabou por ser uma realidade que é hoje reconhecidamente um dos esteios do discurso expositivo permanente, em que investigadores dos vários períodos históricos assinam (independentemente do país de origem) os textos concernentes a cada uma das épocas ou área de especialização presentes no museu, uma vez que a realidade histórica é a mesma. Esta ‘coexistência’ científica ibérica, de beladora das últimas fronteiras, supomos ser caso único em museus

da península, sendo particularmente feliz numa época em que a convivialidade cultural é a base para o desejável entendimento entre comunidades confinantes e com tanto em comum.

Uma vez cumpridas as premissas científicas e programáticas, era necessário pensar o espaço físico do futuro museu. Depois de sopesados os méritos e deméritos das opções que por norma estão – quase já de forma clássica - em presença (isto é, se se deveria construir um edifício inteiramente novo ou se se apostaria na reabilitação de uma edificação histórica) optou-se pela segunda solução. Supôs-se preferível sacrificar um discurso museológico livre, condicionando-o de certa forma a um espaço pré-existente, mas dar reaproveitamento cultural ao património edificado do núcleo histórico da cidade. De imediato se fez uma avaliação dos solares e palacetes que poderiam reunir as condições necessárias para a instalação do museu.

Assim, depois de estudadas as várias possibilidades com que nos deparámos, foi adquirido um edifício condigno para albergar as colecções do agora já designado «Museu Arqueológico Municipal José Monteiro». Convertida a entidade museal em apreço na vertente exclusiva de Arqueologia e apensando à designação da mesma o nome do fundador do núcleo primitivo - homenagem justa e oportuna - o Solar Taborda Falcão d'Elvas, situado na zona histórica da Cidade do Fundão, abria portas no ano de 2007 (Fig. 1).



Fig. 1. Museu Arqueológico Municipal do Fundão

O edifício procede de uma casa solarenga do século XVI, de escadaria frontal e balcão, ganhando uma compleição apalaçada no século XVIII. Nos projectos arquitectónicos e museográficos da sua readaptação a museu arqueológico procuraram respeitar-se tanto a volumetria primitiva, como a identidade da fachada e algumas estruturas emblemáticas, conjugadas com as óbvias exigências museológicas de funcionalidade do espaço.

Passados quase sete anos sobre a sua abertura, supomos que, mercê de méritos globais e concurso de muitíssimas vontades, o Museu Arqueológico do Fundão constitui nos nossos dias um espaço cultural único na Beira Interior, concebido e pensado para servir todos os públicos e satisfazer as necessidades culturais próprios de uma instituição desta natureza.

Assim, essa proposta é visível nas várias componentes do museu, que oferece: uma sala de exposições temporárias, auditório, sala de conservação e restauro, biblioteca especializada em História, Arte e Arqueologia, espaço internet (Sala *Universia*) e cafetaria. Dispõem de uma sala de exposição permanente que reúne peças que vão desde a Pré-história ao Período Romano (Fig. 2).

Uma das preocupações primaciais foi a de conferir ao Museu um carácter didáctico para fruição global, dispensando especial atenção às camadas escolares mas tornando-o acessível e ao dispor de todos, garantindo satisfazer qualquer tipo de público na fruição plena deste espaço museal, quer ao nível da oferta expositiva, quer bibliográfica, arquivística, informática ou de lazer.

A aposta numa linha editorial credível é outra das concretizações do Museu. Mercê de apoios vários, tem sido possível a publicação de vários títulos dos quais muito tem aproveitado a comunidade escolar. Desde edições originais a reedições, é vastíssimo o acervo editorial que o Museu deu já à estampa (Fig. 3).

Por outro lado, o trabalho desenvolvido no museu tem sido distinguido, com a atribuição de prémios pela Associação Portuguesa de Museologia, num evento que é organizado anualmente. Em 2008 obteve uma Menção Honrosa na categoria de «Melhor Museu Nacional», em 2010 a Revista Eburóbriga foi distinguida como «Melhor Trabalho sobre Museologia e em 2011 e obteve o prémio de «Melhor Serviço de Extensão Cultural», pelo trabalho desenvolvido sobretudo com o voluntariado.

O Museu possui uma considerável intervenção ao nível da formação, proporcionada não só aos jovens voluntários no âmbito dos trabalhos arqueológicos de escavação – como de resto já se disse - como através da colaboração com entidades que intervêm ao nível da formação pessoal e profissional. São exemplos disso as aulas ministradas à Academia Sénior do Fundão e a Formação técnico-Profissional no âmbito dos cursos do IIEFP. Outra das grandes componentes educativas do museu é a realização de estágios de diversas categorias. E cada vez mais as universidades recorrem

ao museu para aí realizarem os seus estágios de alunos universitários em fim de curso. Por outro lado, acolhem-se anualmente vários alunos estagiários do Ensino Secundário da vertente profissionalizante (Fig. 4).

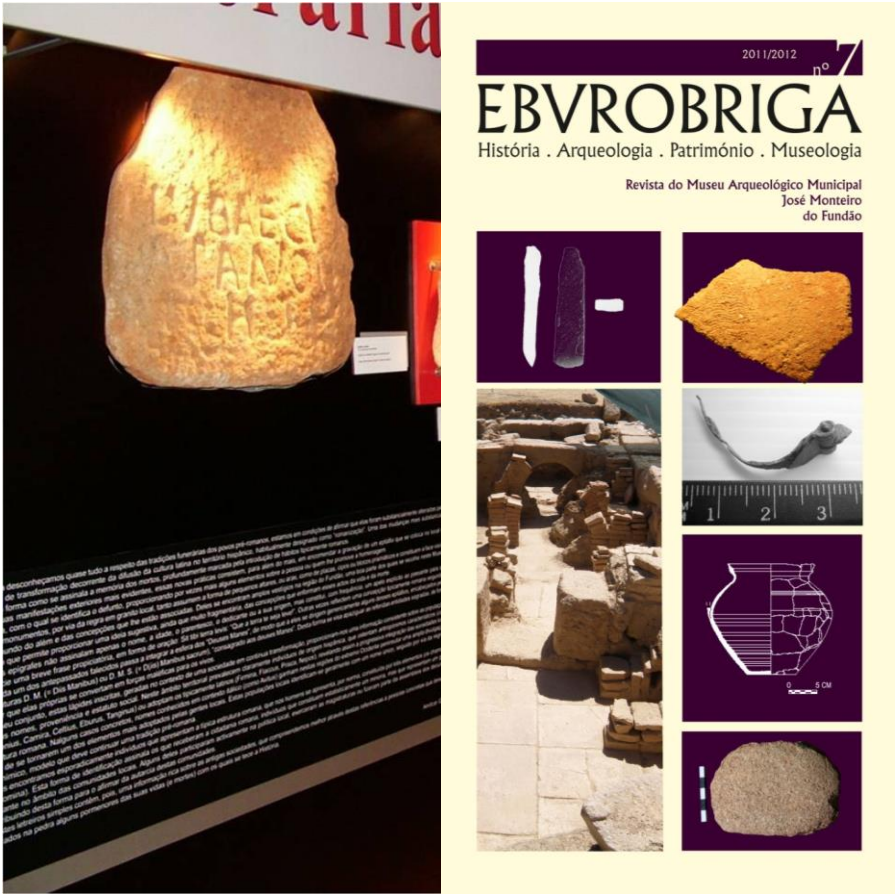


Fig. 2 y 3. Sala de Epigrafia (exposição permanente). Revista Ebuobriga

A intervenção arqueológica na sua componente investigacional e de preservação e salvaguarda do património é uma das prioridades do Museu. Neste âmbito têm sido desenvolvidos trabalhos com vista à elaboração da *Carta Arqueológica do Concelho do Fundão*, ao mesmo tempo são realizados acompanhamentos arqueológicos de obras municipais, trabalhos arqueológicos de salvaguarda e escavações arqueológicas nas Termas Romanas do Ervedal.



Fig. 4. Formação técnico-profissional

1.- O *Campus* Arqueológico do Ervedal

O projecto, o '*Campus* arqueológico do Ervedal' constituiu-se como espaço preferencial ao desenvolvimento do trabalho voluntário, possibilitando o contacto com todas as fases dos procedimentos arqueológicos, desde a escavação até ao tratamento em laboratório do material exumado, estimulando assim nas camadas mais jovens o gosto pela história e a consciencialização da importância do património cultural para o devir dos tempos. Por outro lado, envolve os jovens nas restantes actividades desenvolvidas no museu e proporciona a participação nos programas criados especificamente para os voluntários.

Desde o primeiro instante pudemos contar, todos os anos com cerca de 40 jovens com idades compreendidas entre os 8 e os 25 anos e rapidamente alcançamos a desejada componente pedagógica. Com base na cooperação existente entre o Museu e as várias universidades, inscrevem-se em cada campanha arqueológica vários estudantes universitários dos cursos de História e Arqueologia. Sendo em número muito mais reduzido do que o Voluntariado Escolar, são todavia um elemento fundamental das

escavações pois são portadores de uma experiência que enriquece os participantes mais jovens. Além do mais, fortalece-se o elo entre o Museu e Universidades (Fig. 5).



Fig. 5. Voluntários (Campus Arqueológico do Ervedal)

Os trabalhos arqueológicos no campus do Ervedal tiveram início em 2007 e neste momento desenvolvem-se em torno da escavação de dois complexos termas de época romana. Estes integram uma extensa estação arqueológica, localizada na vertente meridional da serra da Gardunha (Castelo Novo, Fundão). As primeiras referências ao local foram dadas por Tavares Proença Júnior, em 1892, a pretexto da identificação de uma inscrição funerária. Nos anos 30, voltou a ser novamente notícia, a propósito da descoberta de um depósito de fundidor da Idade do Bronze Final.

Uma das termas apresenta três salas sobre *hypocaustum* (*caldarium*, com *alveus* e dois *tepidaria*) um *frigidarium*, com respectiva piscina e um *apodyterium*, cujo pavimento apresenta restos mosaico com motivos geométricos. Algumas modificações e reestruturações indicam diferentes fases de utilização do espaço, como parece evidenciar a reutilização do *apodyterium* como zona de actividades produtivas e de armazenagem, atestada pela presença de moinhos e *dolia*, bem como espaço sepulcral.



O outro edifício termal corresponde a uma imponente construção, da qual se conhecem pelo menos quatro salas aquecidas, duas das quais teriam pavimento a *opus tessellatum* dicromático. A reutilização do espaço exterior a este edifício é conferida pela presença de uma sepultura. Pelas suas dimensões e monumentalidade, associadas à proximidade com o outro *balneum* -ao que tudo indica com relações de contemporaneidade— advêm-nos algumas renitências em atribuir-lhe uma mera utilização privativa. Esta condição faz com que seja repensada a própria tipologia urbana da estação arqueológica em análise, remetendo-a para a eventual dimensão de aglomerado urbano de segunda categoria.

A expressiva quantidade de materiais exumados, tais como as cerâmicas de paredes finas, a terra sigillata sudgálica e hispânica, as ânforas, lucernas, objectos em bronze e os numismas datados do século II ao IV da nossa Era, apontam para uma ocupação dilatada no tempo, que podemos situar entre os primeiros anos/meados do século I d.C. e, pelo menos, o século IV d. C. (Fig. 6).

Paralelamente aos trabalhos desenvolvidos no campus arqueológico do Ervedal, criaram-se outros programas educativos que pretendem aproximar o museu da comunidade e criar uma consciência de ‘propriedade’ colectiva do museu,

nomeadamente o programa «Arqueologia sem Fronteiras», «O Museu como Escola, a Escola como Museu» e «*Scientia Ludica*».



Fig. 6. *Termas Romanas do Ervedal*

2.- «Arqueologia sem Fronteiras»

Programa dirigido ao público escolar, concertado com as escolas, em que uma vez por ano, ou quando se justifica, o Museu organiza uma visita de estudo além-fronteiras. Assim, cria-se no jovem uma consciência cultural mais vasta, sem se confinar ao território da sua nacionalidade, que lhe permite conviver com outros jovens e tomar contacto com a realidade museal, histórica e arqueológica existente fora do país. O espírito desta iniciativa incide ainda na partilha, espírito de entreajuda, convivialidade e na gestão parcimoniosa de recursos. Aposta na educação e sensibilização das camadas mais jovens para os aspectos da defesa e importância do património arqueológico.

3.- «O Museu como Escola, a Escola como Museu»

É este um dos programas que maior sucesso tem conhecido na comunidade escolar. É sabido que o museu é uma extensão da escola. Mas o inverso também é verdade.

No fundo, o Museu Arqueológico prefigura-se ante a escola como um laboratório dos conteúdos ministrados na instituição escolar. As temáticas abordadas em História, Geografia, História de Arte, Educação Visual e Formação Cívica podem ser plenamente fruídas no espaço museológico.

Mas o Museu também tem de ir à escola. Sobretudo para dissipar a ideia de que um museu se confina a um espaço meramente físico. Entrar no espaço escolar e fazer desse espaço o espaço do próprio museu. Assim, conceberam-se vários ateliers para serem usufruídos pelas escolas no contexto escolar. A pedido estas, os técnicos do museu deslocam-se para pôr esse serviço à sua disposição.

Esta cooperação tem sido fundamental para os alunos desenvolverem competências no domínio da Educação para a Cidadania, através da sensibilização para o conhecimento do património concelhio, para que o possam valorizar, respeitar, preservar e divulgar.

4.- «Scientia Ludica» - a componente lúdica na aprendizagem

Outro dos projectos pedagógicos originais, iniciado em 2010, foi o *Scientia Ludica*, iniciativa que pretende através do intercâmbio cultural do Museu com outras entidades proporcionar a troca de experiências e conhecimentos dentro da máxima «aprender brincando e brincar aprendendo».

De facto, partir da componente lúdica para concomitantemente se adquirir uma valia cognitiva prefigura-se como um poderoso aliado do processo de ensino-aprendizagem. E o museu ocupa uma posição privilegiada para a implementação desta disposição. Conhecer as diversas civilizações no plano abstracto, é por certo menos aliciante para a criança do que a tomada de contacto *in situ* com o conteúdo.

Por outro lado, a grande inovação deste programa é a sua ambivalência, já que privilegia o intercâmbio com outras realidades escolares. Procura-se que o jovem não só tome contacto com outros contextos diferentes do seu, como seja agente da tomada de conhecimento de outros jovens com a realidade da nossa região. Até ao momento já foram realizadas três *Scientia Ludicae*, num intercâmbio com outros municípios.

5.- Sociedade Trebaruna/Amigos do Museu Arqueológico do Fundão

Fundamental no apoio aos projectos desenvolvidos com o voluntariado tem sido a Sociedade Trebaruna/Amigos do Museu Arqueológico do Fundão.



Fig. 7. Ateliers

A associação foi fundada em 2010 e a sua designação comporta uma enorme simbologia: procura invocar-se a divindade lusitana Trebarurna e pretende aproximar contiguidades, dado que o território de culto da divindade se distribuía por uma faixa entre a zona raiana de Portugal e Espanha. Ao longo de três anos de actividade, a associação tem desenvolvido actividades complementares às do museu e outras de iniciativa própria, atinentes à divulgação do mesmo. Uma das iniciativas mais apreciadas foi sem dúvida a 'Rota das Capelas Desaparecidas' e bem assim as dinâmicas em torno do Caminho de Santiago. A própria constituição da associação reflecte preocupações transfronteiriças: muitos dos seus sócios são de nacionalidade espanhola e a actual direcção espelha essa mesma realidade, já que o Presidente da Direcção é o Professor da Universidade de Salamanca, Manuel Ambrósio Sánchez.

6.- Cooperação transfronteiriça

Com ficou dito já, o estabelecimento de relações de partilha e colaboração com a vizinha Espanha começou por fazer-se a título individual, isto é, com base nas prestações de investigadores de um e outro país, de que é exemplo o discurso museográfico com o museu. Todavia, cedo se estabeleceu um carácter mais efectivo, mediante a criação de uma plataforma museal concreta. Decorria o ano de 2002 quando se dá um dos momentos mais marcantes da cooperação transfronteiriça das últimas décadas: Portalegre, Castelo Branco, Fundão, Salamanca, Zamora, Plasencia e Cáceres, organizam o primeiro encontro ibérico denominado «MOUSEION-Encontro Transfronteiriço de Museologia». Rapidamente tal encontro se transformou, sob a mesma denominação, numa plataforma de museologia transfronteiriça e conta até ao momento com 4 congressos já realizados.

Paralelamente, o museu continua o seu labor de cooperação com o país vizinho, com um convénio de cooperação estabelecido com o Ministério de Educación, Cultura y Deporte». A colaboração faz-se assiduamente com várias universidades – desde logo a de Salamanca e Alcalá de Henares– entidades museológicas várias, entre elas o Museo Nacional de Arte Romano de Mérida. A colaboração com o Ayuntamiento de Morille, Salamanca, faz-se desde o ano de 2003, designadamente o Encontro de Poesia e Artes de Vanguarda (PAN), com prestações recíprocas de colaboração.

Referências

- Rosa, J. M. (Coord.), *Catálogo do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro*. Fundão, 2007.
- Rosa, J. M. *Homenagem a Hugues de Varine*. Fundão, 2002.
- Rosa, J. M. y Bizarro, J. Intervenção Arqueológica no Ervedal: Balanço e Resultados, em *Eburobriga 7*, Museu Arqueológico Municipal José Monteiro, Fundão, 2012.